

MICROCRÉDITO: Conheça quem investiu e se deu bem

BOLSO SP

Edição n.º 01 - Novembro 2013



Qual o preço do sonho?
Descubra que é possível
fazer uma faculdade usando
o crédito estudantil



Economia Solidária:
bancos comunitários
são alternativas para
pessoas carentes

EDITORA
MOR



Como saber se é melhor **alugar** ou **comprar** um imóvel?

Entenda qual é o seu caso para
escolher a melhor alternativa



1 38055 65154 7



Banco traz alternativa social

Empreendimentos comunitários agregam renda e emprego em bairros da periferia de São Paulo • Heverton Bruno e Bianca Bellucci

Imagine um banco que seja justo, solidário e sustentável. Nessa agência, pertinho de casa, os empréstimos são concedidos a juros inferiores aos do sistema financeiro. O gerente trata a todos não como clientes, mas como futuros empreendedores. No bairro Jardim Maria Sampaio, na zona sul de São Paulo, essa instituição atende pelo nome de Banco Comunitário União Sampaio. Não é a única no país, mas a sua história é.

As atividades do Banco começaram em 2008 quando a Incubadora de Projetos do Núcleo de Economia Solidária da Universidade de São Paulo (USP) plantou na comunidade a sementinha de uma ideia de economia mais humanizada que fosse

população das comunidades que acessa o crédito o usa para consumo, melhoria habitacional e abertura de novos negócios.

Uma das engenhasas ferramentas adotadas pelos bancos comunitários são as moedas sociais. Elas são lastreadas pelo real em uma cotação fixa de 1:1, porém com circulação interna na comunidade ou apenas em

Os Bancos Comunitários se configuram como um modelo alternativo de organização para o desenvolvimento local, geração de trabalho e renda e acesso a serviços financeiros.

de um fundo comunitário suprido por doações de pessoas da comunidade e também do governo e instituições privadas que apoiam projetos sociais. Hoje, o União Sampaio tem no seu fundo cerca de R\$ 20 mil.

Silva conta que este fundo já chegou perto dos R\$ 200 mil e esse montante está agora circulando na comunidade. Para ter acesso ao crédito há apenas um critério básico: o solicitante tem que ser morador da região.

Os juros do crédito comunitário chegam a ser de 2,5% ao mês, uma taxa bem menor comparada ao crédito pessoal dos bancos que atuam no mercado, onde as taxas podem variar de 6% a 12% ao mês.

A moeda Sampaio foi a evolução natural de um projeto iniciado pela UPM - União Popular de Mulheres, fundada por Neide de Fátima Abati, 75, atual presidente da entidade. A associação ajuda mulheres, crianças e idosos em condições precárias a garantir seus direitos e lutar contra violência. Neide defende que a entidade seja um lugar para "se formar, questionar e perguntar, mas sabendo o por quê".

A União Popular possui várias ramificações que atendem a diversas demandas da sociedade, uma delas é a economia solidária. Ana Beatriz, 31, é educadora na UPM e lembra que a economia solidária surgiu da necessidade de organizar as finanças e renda da população. "As mulheres per-

Bancos Comunitários podem criar diversas linhas de crédito dependendo da realidade da comunidade. Por exemplo: crédito para artesãos, para feirantes e até para iniciantes de pequenos empreendimentos, como o de Vera Lúcia.

guntavam como poderiam gerar algum tipo de renda para auxiliar no orçamento doméstico, seja produzindo um artesanato, um pano de prato", diz Ana.

O banco comunitário ganhou notoriedade porque a entidade atua há muito tempo no bairro e está localizada em uma região que tem comércio local muito fechado. Ana resalta que o banco veio a partir da Rede Solidária que, por meio da Incubadora de Tecnologia da USP, estava mapeando uma entidade para organizar o coletivo. A partir do momento em que as ideias foram discutidas e organi-

zadas com representantes da USP, da UPM e membros da comunidade, foram realizadas reuniões para conscientizar o comércio local sobre o que é e como se dá economia solidária.

Foram realizadas assembleias para reunir os agentes de crédito e até decidir o nome da moeda social. Hoje, ela é aceita em alguns empreendimentos na região em troca de produtos e serviços.

Outra facilidade que as instituições sociais trazem é o acesso à serviços financeiros. "As pessoas não precisam mais pegar dois ônibus para ir até uma agência bancária, ou ficar duas

horas em uma fila na lotérica para pagar uma conta. Tudo isso pode ser feito no próprio Banco Comunitário", diz o Diretor de Relações Externas Tomás Marques, da Rede Paulista de Bancos Comunitários.

Num território cheio de perspectivas econômicas, não é de se estranhar que negócios surjam facilmente. Vera Lúcia, 36, tinha o sonho de se tornar dona do próprio negócio. Portanto, a empreendedora decidiu fazer um curso de panificação realizado pela UPM. "Cheguei à entidade por conta das doações de leite. Comecei a fazer alguns curtos e depois de um tempo tive conhecimento da agência de crédito."

Hoje, Vera tem uma cartela de clientes fiéis aos diversos tipos de pães que faz. Sua produção é realizada na cozinha de umas das casas de auxílio da UPM. No futuro, com ajuda do Banco, ela quer alugar um espaço maior; aumentar a produção e também contratar funcionários. "O pessoal do banco ajuda muito, além do dinheiro que a gente consegue emprestado, eles também nos ensinam como fazer esse dinheiro render e como gerir o nosso negócio para ele crescer e quem sabe poder gerar empregos aqui na comunidade", explica.



Fotos: Luciano Goiano e Heverton Bruno

VERA LÚCIA TEM PLANOS para aumentar sua produção